

O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: INSTRUMENTO ARGUMENTATIVO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Eduardo Leite Oliveira dos Santos¹
Iraci Nobre da Silva²

Resumo

Objetiva-se, neste estudo, analisar o gênero textual Artigo de Opinião, como instrumento argumentativo e de caráter social nas aulas de Língua Portuguesa, pautado em temas polêmicos, sob a visão de estudantes de uma escola pública de Palmeira dos Índios/AL. Esse gênero possui uma facilidade de informalidade em sua estrutura, na qual os estudantes podem se posicionar de forma habitual, apresentando posicionamentos corriqueiros e situacionais, feitos a partir das suas concepções acerca do fato. Este estudo resulta da minha participação como bolsista do subprojeto Reescrita e Retextualização de Gêneros Textuais: uma proposta para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa, o qual está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID/CAPES/UNEAL. A pesquisa está amparada nos pressupostos dos autores: Marcuschi (2008 e 2007), Dionísio, Bezerra e Machado (2010), Koch e Elias (2017), Bezerra (2017), Antunes (2003), Dolz e Schneuwly (2004) e Bakhtin (1997). A metodologia de análise tem como base o modelo de operações textuais/discursivas proposto por Marchuschi (2007). Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de uma pesquisa de campo, através de sequências didáticas realizadas na escola parceira do subprojeto.

Palavras-chave: Argumentação; Gêneros; Ensino; Escrita; Reescrita.

1 Introdução

Os gêneros textuais se constituem como ferramentas para o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, propiciando o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita no contexto escolar. Ao organizar os procedimentos metodológicos, o professor precisa ter a compreensão dos gêneros como instrumento facilitador do processo de leitura e escrita. Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa, através de gêneros, vai além da perspectiva estruturalista, tanto no que diz

¹ Licenciado em Letras-Português pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor de Língua Portuguesa da rede municipal de Educação de Palmeira dos Índios/AL. E-mail: eduardo.santos586@gmail.com

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, campus III – Palmeira dos Índios.

respeito ao gênero, quanto no que se refere à análise dos aspectos linguísticos, entendendo-se, assim, gênero como forma de vida, modo de ser e ação social.

A pesquisa ora apresentada tem como objetivo analisar o gênero textual Artigo de Opinião, como instrumento argumentativo e de caráter social nas aulas de Língua Portuguesa, pautado em temas polêmicos, sob a visão de estudantes de uma escola pública de Palmeira dos Índios. Esse gênero possui uma facilidade de informalidade em sua estrutura, na qual os estudantes podem se posicionar de forma habitual, apresentando posicionamentos corriqueiros e situacionais, feitos a partir das suas concepções acerca do fato.

Este estudo resulta de uma parte do meu trabalho de conclusão de curso de Letras – Português, pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, e da minha participação como bolsista no subprojeto Reescrita e Retextualização de Gêneros Textuais: uma proposta para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa, o qual está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID/CAPES/UNEAL.

A presente investigação se configura amparada nos pressupostos dos autores: Marcuschi (2007 e 2008), Dionísio, Bezerra e Machado (2010), Koch e Elias (2017), Bezerra (2017), Antunes (2003), Dolz e Schneuwly (2004) e Bakhtin (1997). A metodologia de análise tem como base o modelo de operações textuais/discursivas proposto por Marchuschi (2007). Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de uma pesquisa de campo e através de sequências didáticas realizadas na escola parceira do subprojeto.

2 Desenvolvimento

2.1 – Gêneros textuais e ensino

Gêneros textuais são os meios utilizados para que a comunicação seja feita ora escrita, ora oral. Dessa forma, utiliza-se o gênero textual de acordo com a situação

comunicativa a qual o falante, aquele que produzirá o gênero, está introduzido, e a quem ele irá direcionar a interlocução.

Sobre gêneros Bakhtin (1997, p. 262) acrescenta:

A diversidade e a riqueza dos gêneros são infinitas e suas possibilidades de criação e mudança estão diretamente ligadas ao desenvolvimento e heterogeneidade da atividade humana que possuem sua gama de gêneros discursivos.

Nessa concepção, Marcuschi discorre que os gêneros textuais e discursivos possuem suas características e contribuem para ordenar e facilitar atividades comunicativas em nosso dia-a-dia. A variedade dos gêneros pressupõe a diversidade de propósitos da pessoa que fala ou escreve. Nesse sentido, Marcuschi (2003) nos fala sobre a existência da diversidade dos fatos sociais realizados pelos mais diversos grupos e nos fatos de linguagem. Assim, como dependem da intenção dos fatos sociais, os gêneros do discurso são infinitos e heterogêneos.

O estudo dos gêneros permitiria aos alunos perceber como a elaboração e a compreensão de um texto resultam da conjunção de fatores internos à língua e de fatores externos a ela; externos, porque ancorados numa situação social que envolva uma prática de linguagem. (ANTUNES, 2009, p. 59).

Ao ingressam na escola, os alunos já possuem uma competência linguística e discursiva a fim de se comunicar socialmente em seu dia-a-dia, inclusive no ambiente escolar. Os gêneros sempre estiveram presentes na sala de aula, mas de modo reduzido, muitas vezes trabalhados como prescreve o livro didático. No cenário da educação, visualiza-se o livro didático como principal instrumento utilizado pelo professor para mediar o ensino da Língua Portuguesa e, em seu contexto, os Gêneros Textuais.

Os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas. Bakhtin, (1997), afirmava que os gêneros eram tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana.

Os Gêneros orais e escritos relacionam-se. Para entender essa relação, Marcuschi (2008) esclarece o que os difere. Expressar um Gênero através da fala não garante que ele pertença a essa esfera, e o mesmo vale para o escrito. O que dá tal

classificação para o Gênero é a forma em que se originou. Um texto jornalístico, por exemplo, não deixa de ser um texto escrito só porque foi apresentado em um telejornal.

Conforme Bezerra (2017, p. 37):

Assim, ao invés de se afirmar que os gêneros textuais são textos, seria mais adequado ressaltar que o texto, tal como construído em cada situação de interação, remete às convenções de um ou mais gêneros, sendo, na maioria das vezes, identificado com aquele gênero cujos propósitos comunicativos predominam na situação específica.

Os Gêneros escritos estão presentes com amplitude nas culturas letradas e compõem um campo mais aberto de pesquisa, já que os estudos são gerados nestas culturas. Ao produzir um texto escrito, em determinado Gênero, o indivíduo é condicionado a alternativas e não tem total liberdade para produzi-lo. Isto ocorre porque há determinados parâmetros lexicais, formais e característicos dos Gêneros escritos que limitam a ação de quem escreve. Por outro lado, é aceitável que o indivíduo seja criativo em suas escolhas e saiba aplicar no texto as variedades que lhe são possíveis.

Após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de Língua Portuguesa, na década de 1990, a educação básica passou a compreender e se apropriar dos gêneros textuais de forma específica, amadurecendo o seu conceito em todas as implicações. À medida que o estudo dos gêneros foi se aprimorando na educação básica, mesmo sendo muito estudado na educação superior, a comunidade acadêmica escolar passou a adotá-los, dando uma diversidade ao ensino de língua/linguagem.

Conforme Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda. Na verdade, hoje há uma nova visão do conceito de gêneros, tendo uma visão produtiva, sem modismo, graças aos estudos teóricos de diversos autores e à publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa, publicado em 1998.

O mesmo autor afirma também que não há gêneros ideais para o ensino. Pode-se, entretanto, identificar exemplares genéricos que permitem uma progressão no grau de dificuldade, partindo do mais simples para o mais complexo. O trabalho com gêneros vai além da pura e simples decodificação dos signos linguísticos, não apenas

convertendo letras em sons, mas também compreender o que se está tentando ler, atribuindo significado.

Nas práticas de leitura, os objetivos devem ser diversificados exigindo, desta maneira, textos diversificados e uma modalidade de leitura. A linguagem, seja ela oral e/ou escrita, precisa ser entendida como um processo de atividade social e interativa; é uma atividade ensinada e aprendida, partindo de estratégias que devem ser explicitadas ao leitor-iniciante (aluno) por um leitor-competente (adulto/professor).

Segundo Koch e Elias (2017, p. 74):

“Acredita-se, pois, como também enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, que o ensino de leitura/produção textual com base nos gêneros poderá trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual na escola”.

A prática de ensino nas escolas por meio do trabalho com gêneros textuais, portanto, pode fornecer aos alunos os conhecimentos linguísticos e textuais necessários para atuar reflexivamente em diferentes atividades comunicativas, uma vez que os alunos estariam praticando e refletindo em sala de aula com base em textos originais que veiculam na sociedade. Esses textos produzidos pelos alunos, em sala de aula, podem, de acordo com o que é postulado no documento citado, serem usadas como recurso de ensino para trabalhar a língua, propriamente dita, passando de mera atividade de escrita, cujos objetivos são apenas avaliativos, a instrumento voltado ao ensino.

Para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, sugere-se o uso das Sequências Didáticas (SD), que é uma forma de organizar o trabalho com o gênero escolhido. É um processo de aprendizagem histórico-social do ler e do escrever em situações informais e para fins úteis. Para Dolz e Schneuwly (2004): “os gêneros são excelentes instrumentos para o ensino/aprendizagem da língua”.

A escola precisa propor situações didáticas, no ensino de gêneros textuais, onde o aluno possa utilizar a linguagem oral nas diferentes situações comunicativas, fazendo as devidas adequações, principalmente nas mais formais. A questão está em saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas.

Nesse contexto, é importante

“[...] saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. (PCN, 1998, p.26)”

Saber a língua implica saber fazer as adequações às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito de sentido pretendido. Não se reduz à questão de correção de forma convencionais, mas à interação social.

Segundo Dionísio, Machado e Bezerra (2010, p. 44):

“É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que alunos e professores se preocupem mais com a forma do texto do que com sua função e, conseqüentemente, o texto seja visto como um formulário preenchido (leitura) ou a preencher (para escrita)”.

O educador precisa estar associado à realidade do aluno, de modo que o cotidiano escolar tenha uma associação à sala de aula, para que haja uma aprendizagem efetiva. Vale destacar também que outras modalidades de escrita vêm assumindo um considerável espaço, a escrita virtual (formais e informais) aparece e precisa ser entendidas pela sociedade escolar. Utilizar-se dela para que o aluno compreenda os gêneros textuais, agora gêneros textuais digitais, é necessário porque podemos utilizar dos seus mecanismos multimodais, a fim de se adequar ao meio social do aluno.

Através dos textos, em suas diversas relações, recursos, estratégias, operações, pressupostos, sentidos, entre outros; que promovem a sua construção, que possibilitam a sua função comunicativa, sua coesão e sua coerência, possibilitam o desenvolvimento comunicativo e cognitivo do aluno. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que promovem um ensino de língua, em textos orais e escritos, pautados por um eixo que promovam a competência comunicativa e, principalmente, discursiva do aluno.

2.1. O gênero artigo de opinião como instrumento argumentativo

O artigo de opinião é um gênero dissertativo-argumentativo, no qual o autor de se posiciona dando o seu ponto de vista sobre o tema e apresentando uma intervenção ao assunto abordado perante à sociedade. Esse gênero é capaz de atender às necessidades dos alunos em situações escolares ou extraescolares habituais, nas quais eles se defrontam com uma situação de ação de linguagem em que devem se posicionar e argumentar, diante de um determinado tema.

Sendo assim, o aluno, ao construir um artigo de opinião, deverá tomar conhecimento não apenas do conteúdo, do estilo e linguagem, mas também descobrir que as pessoas têm o direito de manifestar um ponto de vista, opinar ou reclamar sobre um determinado assunto presente nas práticas discursivas que emergem nas esferas sociais. Geralmente, é publicado em jornais e revistas, informando e persuadindo o leitor. Assim, a argumentação é o principal recurso retórico utilizado nos artigos de opinião, que surgem sobretudo, nos textos disseminados pelos meios de comunicação, seja na televisão, rádio, jornais ou revistas.

Esse gênero possui uma linguagem cotidiana, onde os autores se posicionam de forma natural e informal, sendo objetiva. Os temas abordando são, geralmente, temas polêmicos e da atualidade.

2.2. - O texto argumentativo na formação de cidadãos críticos

Longe de uma memorização simplesmente mecânica de regras gramaticais ou de determinadas características de dado movimento literário, o ensino de língua portuguesa deve promover no aluno o desenvolvimento do “potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor dos mais diversos textos representativos de nossa cultura”. (PCNEM, 2006).

Dessa forma, a escola precisa ser a norteadora do processo de ensino e aprendizagem de alunos críticos, pautado por um ensino voltado à observação de temas transversais e atuais. Por muito anos, o conhecimento chegava aos alunos de forma mecânica e tradicional, sendo feito por uma reprodução de conteúdo, sem a observação crítica deles. Atualmente, os estudantes têm acesso a várias formas de um conhecimento moderno, associado à internet, em que se tornam pessoas conectadas às diversas

realidades, com observação, vivência intelectual e necessidade de posicionamento social.

Com o passar do tempo, a educação precisou mudar e acompanhar a evolução da sociedade, sendo necessário criar um novo papel para a escola e para os professores. O novo modelo de educação exige que a equipe escolar esteja ciente que, além de repassar o conhecimento, é preciso formar cidadãos críticos, com valores sólidos e conhecedores do seu papel na sociedade. Seguindo esse princípio, o aluno precisa aprender a discernir as diferentes fontes de informação disponíveis para poder, com critérios claros, buscar aquelas que são, de fato, confiáveis. Ao mesmo tempo, devem aprender a relacionar o conhecimento das diferentes disciplinas, descrever os fatos, levantar hipóteses a respeito de um fenômeno natural, saber deduzir uma expressão matemática ou comparar determinado fato histórico com a realidade atual.

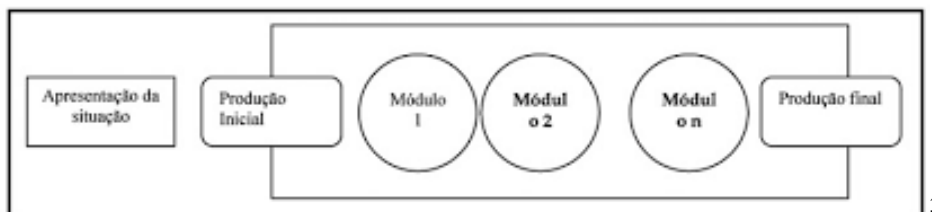
As escolas precisam trabalhar ações pedagógicas para discussão de temas, proporcionando aos alunos atitudes, ações transformadoras e valores definidos. Através dos textos opinativos, como o próprio artigo de opinião ou a redação do tipo dissertativa ou dissertativa-argumentativa, o aluno se posiciona de maneira crítica, tendo base temas sociais, explorando a capacidade de argumentação e posicionamento em relação ao fato, de modo que possa transportar à sociedade a sua opinião acerca dos fatos.

3 Resultados e Discussão

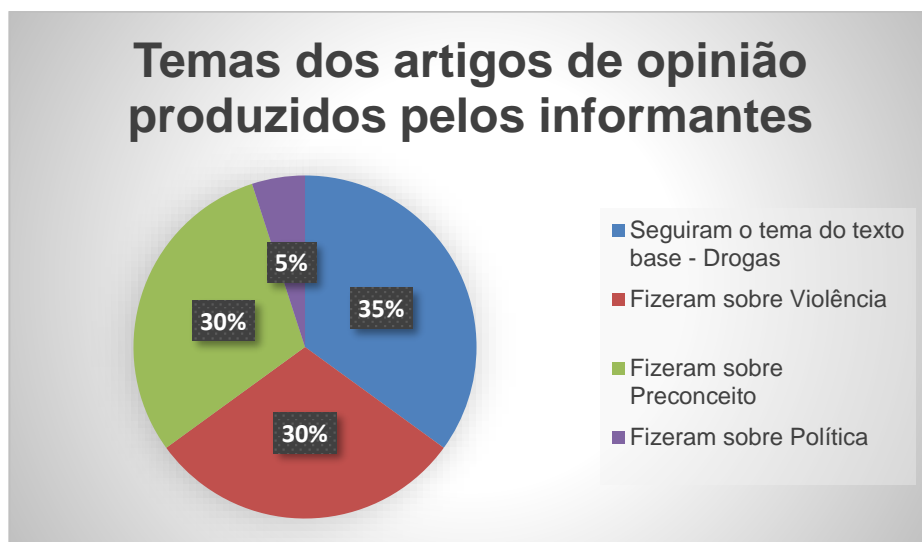
Os dados desta pesquisa foram coletados por meio da sequência didática aplicada em uma escola da esfera pública no ensino médio. Os colaboradores formam um total de 20 alunos, com faixa etária entre 16 a 18 anos, todos cursando o 3º ano do ensino médio. Apresentamos aqui uma amostra representativa do *corpus* da pesquisa.

3.1 - Procedimentos de coletas de dados

A atividade foi realizada em 3 momentos, com base no modelo proposto por Dolz e Schneuwly (2004: 83), pautadas na sequência didática pelo produzida por mim.



No primeiro momento, a turma foi informada sobre o gênero a ser trabalhado. Após isso, foi apresentada a eles a estrutura e o papel social do gênero artigo de opinião. No segundo momento, houve um momento destacando os aspectos cognitivos, linguísticos e estruturais de um artigo de opinião. Os aspectos cognitivos visam à análise, à interpretação e à compreensão. No que diz respeito aos aspectos estruturais, ressaltam: composição, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e forma. Além da análise linguística, que correspondem aos aspectos formais da língua. Após a análise e o contato com o gênero, iniciou a produção escrita do artigo de opinião. No terceiro momento, ocorreu a reescrita do texto, destacando os aspectos apresentados durante a escrita.



3.2 Texto retextualizado

³ Dolz e Schneuwly, 2004, p. 83.

⁴ Gráfico produzido pelo autor.

Convém ressaltar que o texto original é um texto escrito, já que se trata de um artigo de opinião. Para realização das marcas de retextualização, toma-se como base o diagrama de Marcuschi (2007, p. 75). A retextualização que está sendo feita é do texto escrito para o texto escrito, fazendo o uso de todas as nove operações textuais-discursivas propostas por Marcuschi na passagem do texto oral para o escrito. Segue modelo:

TEXTO FALADO (BASE)

1ª. OPERAÇÃO: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e parte de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística).

▼ ou

5

2ª. OPERAÇÃO: Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação ou da fala (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

▼ ou

3ª. OPERAÇÃO: Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação linguística).

▼ ou

4ª. OPERAÇÃO: Introdução de paragrafação e pontuação detalhada sem modificação de ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção).

▼ ou

5ª. OPERAÇÃO: Introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).

▼ ou

6ª. OPERAÇÃO: Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de

▼ ou

7ª. OPERAÇÃO: Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição, visando a uma maior formalidade).

▼ ou

8ª. OPERAÇÃO: reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa).

▼ ou

9ª. OPERAÇÃO: Agrupamento de argumentos condensando as ideias

A atividade de retextualização é importante porque, além de produtiva, está presente em nosso cotidiano, e essa natureza não é comum nas escolas. Marcuschi (2007) quando diz ser a retextualização uma maneira prática e eficiente de se conseguir informações sob o ponto de vista textual-discursivo e acabar com certos mitos a respeito da oralidade na sua relação com a escrita, ficando, especialmente, em evidência que a escrita não é uma representação da fala. É importante salientar que as nove operações definidas por Marcuschi (2007) nem sempre acontecem em todos os textos retextualizados.

2ª operação – Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas.

Texto inicial	Texto retextualizado
Informante 2 O consumo de drogas cada dia que passa está aumentando no Brasil mais não somente no Brasil mas sim no mundo todo, está presente também em nosso dia a	O consumo de drogas, cada dia que passa, está aumentando no mundo inteiro, com uma perspectiva de aumento significativo diariamente e sem controle dentro da nossa sociedade.

dia e dentro da nossa sociedade.	
----------------------------------	--

3ª operação – Retirada de repetição, redundâncias, reduplicações, paráfrases etc.

Texto inicial	Texto retextualizado
Informante 3 As pessoas praticam esse preconceitos por criar uma quantidade de motivos pra não gostar daquela pessoas, então existe pessoas preconceituosas sim.	As pessoas praticam o preconceito a partir de um motivo banal, tornando-se preconceituosas sem perceberem.

4ª operação – Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem do discurso.

Texto inicial	Texto retextualizado
Informante 4 A violência contra a mulher é um exemplo machista e é muito conhecido no Brasil, onde vem de muitos anos atrás desde nossos avós, as mulheres sempre foram vistam mais fracas que os homens e também como “empregadas” apenas para cuidar da casa e dos filhos.	A violência contra a mulher é um ato machista muito conhecido no Brasil, que acontece há muitos anos desde nossos avós. Há tempos, essas mulheres são vistam como pessoas fracas e que devem apenas servir a casa e aos filhos.

7ª operação – Tratamento estilístico com a seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções lexicais (estratégia de substituição, visando a maior formalidade)

Texto inicial	Texto retextualizado
Informante 6 As drogas em hoje em dia está cada vez mais aumentando prejudicando os jovens e família por conta de parentes próximos,	Hoje em dia, as drogas só aumentam a cada dia, prejudicando os jovens e suas famílias, tornando-se um vício

no entanto as drogas é apenas um vício que os jovens não consegue controlar.	incontrolável.
--	----------------

8ª operação – Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa)

Texto inicial	Texto retextualizado
Informante 2 Porém, o Brasil deveria tomar algumas atitudes, como palestras nas escolas, para que nós pudéssemos ficar orientados sobre qualquer tipo de droga e tentar resgatar ou ajudar os usuários dele para tentar inseri-los na sociedade para não haja preconceito.	Por que a sociedade brasileira não toma alguma atitude? A escola, como meio social, deveria nos instruir através de trabalhos de conscientização do uso de drogas e trabalhos voltados aos usuários para inseri-los novamente na sociedade, sem preconceito.
Informante 4 A violência contra a mulher é um exemplo machista e é muito conhecido no Brasil, onde vem de muitos anos atrás desde nossos avós, as mulheres sempre foram vistam mais fracas que os homens e também como “empregadas” apenas para cuidar da casa e dos filhos.	A violência contra a mulher é um ato machista muito conhecido no Brasil, que acontece há muitos anos desde nossos avós. Há tempos, essas mulheres são vistam como pessoas fracas e que devem apenas servir a casa e aos filhos.
Informante 6 Para finalizar, quero deixar claro que o uso de drogas não só no Brasil, mas em todo o mundo está virando uma epidemia sem controle, pois tem muitos adolescentes por ai viciados, vendendo as	Para finalizar, quero deixar claro que o uso de drogas não só no Brasil, mas no mundo todo está virando uma epidemia. Desse modo, muitos adolescentes sofrem com esse vício, tendo que vender os

coisas de dentro de casa para poder pagar dívida.	objetos de casa ou cometer roubos e furtos para alimentar seu próprio vício.
Informante 4	
Portanto as mulheres deviam denunciar e não se submeter a violência, pois, no Brasil, há a lei Maria da que permite que você faça isso. O que você está esperando para ter um Brasil melhor?	As mulheres precisam denunciar e não se submeter a nenhum tipo de violência. No Brasil, há a lei Maria da Penha que permite que nós, mulheres, sejamos sempre protegidas desses agressores. Precisamos de um país melhor. Denuncie!
Informante 5	
O uso de drogas já está ficando sem controle, para ter melhorias seria bom investir em campanhas educativas, combate as drogas e clínicas para os usuários.	O uso de drogas está incontrolável há muito tempo. Portanto, é necessário investimentos em campanhas educativas perante à sociedade, o combate à circulação dela no país por parte das autoridades competentes e a criação de centros de reabilitação para inserção dos usuários à sociedade.
Informante 7	
Hoje a sociedade está irrelevante, pois não existe mais amor paz e diversidade. O combate a intolerância deve começar dentro das próprias famílias, pais devem educar seus filhos a como tratar as pessoas, mostrar que a diversidade é importante e que não devemos humilhar ninguém.	A sociedade de hoje está irrelevante, pois não pratica mais o amor e a paz nem pratica a diversidade. O combate à intolerância deve começar dentro das próprias famílias. Os pais devem educar e ensinar os filhos a respeitar as pessoas e mostra-los que a diversidade é importante e que não devemos humilhar ninguém.

4 Considerações finais

Os gêneros textuais são trabalhados toda hora e todo momento nas escolas e estão presentes no nosso dia-a-dia. Portanto, as escolas precisam adotar ferramentas para que esse trabalho seja intensificado cada vez mais. O trabalho com os gêneros é fundamental no processo de busca e intensificação do aperfeiçoamento da escrita, leitura e da oralidade. Ao trabalhar os gêneros argumentativos, busca-se o desenvolvimento discursivo e argumentativos dos estudantes à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular.

De acordo com os dados obtidos, percebe-se que nas aulas de leitura e de produção escrita há uma diversidade em relação aos temas escolhidos pelos alunos para as suas produções escritas. A recorrente confusão em relação ao gênero em estudo e a redação do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, quanto à estrutura de ambos, provocou em alguns textos o não envolvimento total das características do artigo de opinião, e sim, alguns conceitos adotados na redação Enem. Esse fato mostra uma falta de um hábito em escrever artigos de opinião, sendo recorrente a escrita do outro gênero argumentativo, a Redação dissertativa-argumentativa.

O trabalho com os gêneros textuais, enquanto pesquisador, surgiu a partir da minha participação no subprojeto Reescrita e Retextualização de Gêneros Textuais: uma proposta para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa, o qual está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID/CAPES/UNEAL, como bolsista. Esse projeto e os anos de faculdade contribuíram bastante para a minha formação pessoal e profissional, estabelecendo um conhecimento grandioso e necessário para todos. Espera-se que haja um compromisso por parte das políticas públicas voltadas à área educacional, pois é necessário que o programa permaneça contribuindo para a formação dos discentes nos cursos de licenciatura.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, gêneros textuais e ensino:** considerações teóricas e implicações pedagógicas. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação – v. 20, n 1. Florianópolis, 2002. 65-75.

_____. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro:** questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo: Editorial, 2017.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998 e 1999.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escrita na escola.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2004. (Tradução e organização Rojo e Cordeiro).

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 8ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Editorial, 2008.